

O ENCONTRO HUMANO

O ser humano precisa de outros humanos para definir o lugar, os valores e os conceitos que eticamente regem a vida social e estabelecem a convivência.

A necessidade de **Amar e Ser-amado**, a carência da **Estima dos Outros** e a **Extrema Fragilidade** pela falta da Auto-Suficiência, vivências dos anos iniciais da vida dos humanos, determinam que eles tendam a buscar ao longo de toda sua existência um lugar de garantia contra o abandono e a solidão. Buscam condições favoráveis ao reconhecimento e a consideração dos demais. Este lugar se dá no que denomino o **Encontro Humano**.

O amor romântico tornou a necessidade de amar e ser-amado uma virtude. Todavia, a banalização do seu uso, promove uma desvirtualização, nivelando-o a outras realizações.

O uso do outro como tranquilizante ou como objeto de consumo não se enquadra na expressão da necessidade de amar e ser amado como virtude; ao contrário, dependendo das circunstâncias, poderá até se constituir em uma perversão.

Enquanto a harmonia entre o desejado e o correto permite que se realize a satisfação no encontro humano, a desarmonia provocada pela fofoca visa à imposição **de um determinado correto** contra a solicitação ou aceitação da pessoa atingida.

A relação humana somente tem êxito quando todos os envolvidos nela ganham. Esta condição exige um aprendizado que considera a **importância da perspicácia, da tolerância, do respeito às diferenças, da mediação, da consideração, da delicadeza** e de outras virtudes capazes de permitir o reconhecimento do outro em sua plenitude, assim como viabilizam as relações entre os humanos.

Segundo esta vertente, o Encontro Humano é a essência dos objetivos, pois sem ele não se estabelece nenhuma realização.

O criador da psicanálise, Sigmund Freud, desenvolveu o conceito de *Angústia de Castração*, tornando este conceito em um pilar fundamental para a estruturação do sujeito.

Este conceito foi classificado no sentido evolutivo e parte da aprendizagem na infância e aplicado em todas as avaliações posteriores das suas relações. Ele sempre estará presente em qualquer participação dos Encontros Humanos.

A Angústia de Castração tem sua **primeira** manifestação no medo de perder o amor das pessoas queridas, porque delas se depende por razões de sobrevivência, durante os primeiros três anos de vida. Nesta época da vida, sem cuidados e abandonados, os seres humanos morrem. Podemos dizer que, evolutivamente, a presença do amor das pessoas queridas reafirma a autoestima e a consideração da importância das parcerias ao longo de toda a vida, assim como a sua ausência determina a desesperança e o reconhecimento de que o outro faz mal. Destas parcerias dependerá o êxito de todos os projetos de vida que dependam da presença de mais de uma pessoa, e que, convenhamos, são quase que absolutamente a maioria. O que acaba se constituindo na quase totalidade dos projetos da vida.

A **segunda** forma de manifestação da angústia de castração se dá ao redor dos quatro anos de vida, quando a criança descobre as diferenças anatômicas entre os sexos; ou seja, quando se inicia a organização do conceito de **diferença**. Como tal introduz-se outra forma de perda: a possibilidade de ser mutilado corporalmente (a possibilidade da perda é mais ampla se a considerarmos metaforicamente).

A **terceira** forma de manifestação surge depois dos cinco anos e se faz representar pela crítica do *Super Eu* (parte dele é a popularmente conhecida como *voz da consciência*), estrutura que constitui o conceito de ética e moral na personalidade da pessoa pela incorporação de modelos apreendidos até então. Ao longo da vida, todos os temores às críticas estão determinados pelo rigor com que foi formado o *Super Eu* de cada um.

Estas três formas básicas de manifestação da Angústia de Castração seguem presentes em todo o ser humano ao longo da sua existência, até a sua morte, exaltando-se em maior ou menor grau, de uma forma ou de outra, de acordo a história individual. Por isso mesmo, a dependência do outro é total e permanente na vida de qualquer pessoa, em diferentes graus e intensidades. Aquilo que o ser humano aspira e popularmente chama de independência, somente é alcançada sob forma de **autonomia**, nunca como independência, porque ele é um ser dependente dos outros desde que nasce até morrer. O outro e sua participação na vida será, a partir deste ponto de vista, fundamental e indispensável para qualquer realização.

Considerando que a presença do encontro humano na vida de qualquer pessoa será resultado da conquista e da superação da angústia de castração, a contrapartida poderá ser percebida naqueles que evitam os demais e vangloriam-se desta evitação. Muitos o fazem por consolo, devido a incompetência de estarem acompanhados. Refiro-me àqueles que, por convicção, tentam convencer que sozinhos estão melhores do que acompanhados.

Ainda que suas “razões pessoais” sejam argumentos justificáveis para a solidão, elas somente se aplicam a algumas pessoas e por um tempo limitado de suas vidas. Não considero possível a solidão como propósito final de um projeto de vida. Quando exercida, esta opção é um arranjo de autoconsolo para a maioria que a adota. Mesmo os que vivem solitariamente, realizam seus desejos através de devaneios, ou seja, vivem preenchendo seus vazios com sonhos diurnos, sonhos povoados de companhias.

As experiências traumáticas vividas nas histórias de convívios levaram alguns a buscar um alívio para o sofrimento no isolamento, evitando partilhar a vida privada e os possíveis sofrimentos decorrentes dela. Porém, estas formas de comportamento nunca são soluções duradouras.

Tendo a visão individualista a vantagem de não precisar cuidar do outro, ao eliminá-lo da convivência ela traz consigo a contrapartida, no fato de deixar de viver os prazeres que uma companhia é capaz de proporcionar.

O solitário, quase sempre se mostra autossuficiente em relação à companhia das pessoas, e, embora ele manifeste seu interesse pelos outros, acaba por afastá-los. Esta atitude traduz certa descrença na humanidade. Nesta condição, fica eliminada a busca da novidade, o que a presença do outro

poderia oferecer, e também condena o sozinho, com a ausência da novidade, a ficar sendo uma aborrecida companhia para si mesmo; o que significa ouvir de si mesmo o já sabido. Estar encerrado em si mesmo é como ler permanentemente o mesmo livro.

Qualquer um, com experiências negativas de convívios aprende que a lição não consiste em abandonar o convívio com os demais, senão em encontrar instrumentos capazes de permitir um convívio com menos conflitos.

A cronificação da solidão é algo mais do que simplesmente estar sozinho, acaba se constituindo em uma manifestação do fracasso do Encontro Humano. É não se ter com quem contar. É olhar ao redor e ver tanta gente que não diz nada ou nada importa. É como um abandono desistente, decorrente da falta de vontade ou de um erro injusto que desvaloriza aqueles que têm valores. Frequentemente, encontramos pessoas que são ilhas-humanas; embora cercadas de gente por todos os lados, não estabelecem relações duradouras. Coabitam, mas não convivem.

As razões inconscientes que determinam a solidão permitem a afirmativa de que ninguém é sozinho por escolha. Nestas considerações não me refiro àquela solidão própria de quem escolhe estar consigo mesmo temporariamente, em situações de vida que mereçam revisão. A esta situação circunstancial chamo de **momento de introspecção**. Portanto, a solidão pode ser essencial, desde que reflexiva, como acontece nos momentos de autoavaliação dentro das buscas de autoconhecimento.

Considerando os fundamentos que regem as relações entre os humanos os modelos básicos oferecidos pela pequena população que convive com cada ser durante sua infância, ou seja, família, escola e grupos sociais. Geralmente nestes lugares, as vivências são diferentes daquelas que se encontram no mundo extrafamiliar, sempre considerando que há exceções. É evidente o despreparado para o convívio com o mundo, com o submundo, com os mundos paralelos que quase nunca são apresentados às crianças. Mas não podemos deixar de considerar que eles são cada vez mais sofisticadamente organizados, promovem ações sociais, violências organizadas, governos paralelos, escolas informais, economias informais e outras tantas organizações presentes na nossa vida cotidiana.

SOBRE ENCONTROS

Não basta o lugar, já que ele, importante participante, deverá adequar-se aos propósitos do Encontro, da mesma forma os objetos que o testemunharão, influenciam em uma ou outra direção. Humores, principalmente humores, silêncios reflexivos e ruídos acessórios, concentrações indicadoras e distrações unilaterais, interrupções, comentários superficiais, redundantes, repetitivos, cumprimento ou não dos horários combinados darão a cena que ativa o espetáculo do encontro. O palco, fator que se supõe de fundo será o cenário que indicará o preparo ou o despreparo dos participantes. A exaltação demagógica e egoísta dará uma pauta de dois ou mais monólogos, os aspectos simbólicos atrairão ou afastarão o encaminhamento do processo de se encontrar. As preponderâncias decidem como funcionam os afetos, os

conteúdos e os tempos de elaboração de cada avanço ou retrocesso do estar-juntos ou protocolar o rapto da oportunidade de fazê-lo com diversificações que mostram que a(s) almas ficaram em casa.

Dominar qualquer proposta exige dedicação, concentração e um mergulho que atrairá todas as atenções e energias para aquela ocasião. A psicanálise desenvolveu um conceito baseado no modo como se executa cada presença e destaca que para estar-se, é exigida concentração máxima em cada tempo e lugar, uma dissociação útil para deixar as exigências dispersivas para serem cuidadas em seus momentos adequados, atenções exercidas pela metade causam acidentes, a perda de objetos, memórias fragilizadas, desperdício de energias para verter sobre cada demanda na hora e na convicção que sem paixão, sem dedicação e sem respeito por cada presente, se fragiliza a construção dos processos e o êxito em avançar para o futuro. O mundo dos afetos tem uma mágica e encantadora forma de determinar claramente quem somos em cada ato de se encontrar, e de estar. A abordagem exige medida, respeito aos tempos de percepção, coleta de dados e incorporação de cada conteúdo apresentado no encontro. Seria validar uma produção afetiva e discursiva dos vínculos, matéria prima que molda as condições presentes, ser pertinente clarificar objetivos. Mutações e rupturas indicarão fraturas nas condições básicas de confiabilidade e edifica ou derruba o que cada um veio ali fazer, ou dito de outra forma, o que cada um verte como contribuição, tanto para avançar em direção desejada como para boicotar esta possibilidade.

É bastante frequente que sejam vertidas em cada encontro fantasias e prévias construções imaginárias, que nunca coincidem com a realidade porque o interlocutor terá também seu enredo. Ajustar estas diferenças exigirá que se espere o momento presencial anulando todas as preparações possíveis já que elas ou não se ajustarão, ou coincidirão parcialmente ao esperado.

FUNDANDO

Fundando o amor apresenta-se o jogo de aparências que se põem em ação. As artimanhas que levam à cama descartando o afeto e o passional, a banalização oferecida com vantagens sobre o enamoramento e interesses vinculares que transcendam ao efêmero, poupa a conquista que derruba barreiras, que contagia múltiplas formas de estar-junto com fins de conservação, versus um sexo primitivo gerado como instantes sem compromissos de continuidade. Se antes a conquista ordenava sinceros afetos, à sugestão da pressa na vivência e no descarte anuncia as vantagens do consumo descartável. O discurso não verbal do processo regido pelo sentimento eufórico deprecia a alegria evocando um maniqueísmo automático desde a nudez ao gozo com brevidade instantânea, um livrar-se do prazer sexual. Excluir com indiferença destaca uma forma infantil que busca no prazer imediato um ato de descarga, a tóxica forma de desvirtualizar a atração menospreza a recompensa. A

construção alternada do momento de encontrar-se apresenta a circulação de espectador e de ator. O contraste apresenta-se com polos opostos; uma cerimônia de dominação, em outra, uma procura circular de descoberta do par.

A ROTA DOS DESCAMINHOS

Cada pessoa será um espaço de referência que reflete positiva ou negativa, como estímulo à civilidade ou como dispersão arrasadora. A ficção mente, fratura a verdade quando não a realiza e quando a combate. O domínio da palavra e do veículo dispostos a compra e venda, joga fundo e sujo. Confunde aparências e oficializa a banalização deformante. A inversão é uma arma daqueles que tem a criação a serviço da intoxicação, das manobras e da farsa bem paga e bem difundida. Consumida a ficção, rebatem números, inventam números, violentam como anjos bem intencionados, debocham e riem dos pobres. Especuladores sempre estarão oferecendo a poção mágica do momento coincidindo com os ideais nunca alcançados. Seus atos e discursos são o inverso do romantismo, persistem em afirmar que a única verdade é negativa, manipulável e negociável. O amor é o último rugido das bestas que ainda acreditam na humanidade. A besta é o destino, o eunuco o ideal, a vida um espaço de manipulações, e o espaço um utilitário para definir que não vale a pena acreditar em nada. A festa dos debochados, infelizes por falta de plateia exacerba os ânimos e convida à deturpação da leitura do mundo onde se vive a vida real. Eles se apropriaram da patente da falsificação.

COLONIALISMO VERSUS CIMENTO SOCIAL

A política utilizada para encobrir abusos universais se torna um modelo atrativo aos mais ingênuos e se apoia em **travestir de natural** tudo o que de mais perverso exista. Chega para fazer amigos, vende os venenos que engordam e a beleza anorética de ternas bonecas consumistas de roupas e acessórios, se oferecem modelos de estandartes do consumismo da pior espécie. Feitos à moda, pessoas, alimentos, substâncias vendidas a preço de ouro, frequentados por “seletos” que ali desfilam seus quinze minutos de fama. Torna-se natural o alimento de péssima qualidade, o café disfarçado de “produtos selecionados”, todos processados e batizados vendendo aparências compradas pelos cada vez mais ignorantes consumidores de corpos, casas, pessoas, alimentos, informações, empregos, relações fugazes e sem compromisso. Fragilizam a tradição. Enaltecem o luxo ostentado e o lixo reciclado. Aceleram o presente negando o valor dos registros do passado na memória, se livram dos valores, das responsabilidades por seus atos e validam a perversão como algo natural e cultural. A promoção do **Desapego Artificial** colabora com a degradação dos valores humanos em um momento de evolução da espécie que alcança uma evolução tecnológica tornando-a acessível, fabrica e comercializa um carro elétrico, conquista a sequência genômica com um pouco de saliva, o Google lança um carro sem motorista e as naves espaciais que mostra um infinito muito mais infinito. Em oposição, os problemas do planeta seguem e são mantidos por um pequeno grupo que contribui com guerras,

muros e embargos. Vulgarizam a cultura e chamam de arte formas carnavalescas. Falsificam relações, afetos e interesses. Todos representados em um mundo artificial, cenográfico, usando textos copiados, sequestrados, em uma ficção onde o que menos importa são a vida, os valores, a construção de um projeto onde caiba o eu e o outro, o nós que desabriga a cópia especular.

Uma ampla “desrealização” passeia pelos meios de comunicação, induzindo conceitos, proibindo escolhas, impondo metas e condutas. Uma onda de especulação que atinge pessoas e cidades, que despojados de referência já não sabem definir a nacionalidade, o idioma e a ascendência e outras escolhas induzidas.

“A globalização não é um efeito mecânico das leis da técnica ou da economia, mas uma criação política”. Uma lenta criação do capitalismo, universal e desenvolvido, dirigido a estabelecer as melhores condições para seu funcionamento e dominação. Uma dominação branda e cativa, tão eficiente, que não encontra inconveniente”. (Verdú)

Tal inversão só tem êxito em uma população limitada no uso de suas mentes, infantilizada, satisfeita com supérfluas e fugazes realizações sem maior efeito e sem maior valor, só instantes, sem marcas, sem consequências, o momento pelo momento, a negação da dor deixada, da construção com ou sem danos, a oferta de um mundo de diversão que antes era paralela e agora tinge a própria vida. Inclui o medo competindo com a sinceridade, a mentira com a ingenuidade, o controle com a integração e a ameaça competindo com o mérito. Vive da Indústria da miséria, de explorar a ignorância e de manipular dados, desviar benefícios, roubar contas bancárias e organizar outras formas de engano à população. Encontram conhecimentos invadindo e vivendo um “como se”, comprando a tolerância com assistencialismos que cronifica o analfabetismo esquecido por números que falam de uma recuperação alcançada, fala de uma ascensão social que não acontece. Esses atos são validados por um sistema que lhes dá cobertura judicial, legislativa e executiva. Mostram-se peritos na contraproposta, porém, não tem propostas. Improvisam tudo para garantir e emascarar o que não é feito, contatos ficcionais desviam a atenção do principal. A redução do ser humano a “coisa”, anula seus sentidos e faz perder a noção de que pertence a um mundo real onde o estabelecimento de relações éticas com o próximo traz realizações que convertem sonhos em realidades. O consumismo tem um elevado poder de adição. Funciona com efeitos, cria dependências, se associa à compulsão para responder ao bombardeio publicitário que constantemente induz a consumir. O mais perverso é que a maior parte da população não tem dinheiro para adquirir o oferecido. Estabelece uma guerra de confrontação entre o material e o imaterial. O colonialismo cultural se ocupa de todos os espaços individuais abandonados. De certa forma se oferece ao colonizador direitos que não lhe pertence, em contrapartida a escravidão exige certo consentimento por parte do escravo que oferece seu corpo, seu futuro, seus sonhos, sua alimentação, seu tempo e seu destino.

Desde que a vida começou em nosso mundo, os seres vivos foram transmitindo de geração em geração a informação biológica necessária para sobreviver em um mundo em modificação e também para produzir novos descendentes os que, a sua vez, carregam esta informação como legado. Deste modo, se pode dizer que a vida é um fenômeno que ao longo do tempo converte energia em informação. No caso dos seres humanos existe outro tipo de informação, Além da genética, que também passa de geração em geração: **as ideias**. Ao igual que os seres naturais competem por recursos necessários para sua

sobrevivência, as ideias também competem por aquilo que lhes resulta imprescindível para existir: **nossas mentes**. Há ideias afortunadas que conseguem entrar em muitas mentes e que estas, a sua vez, as transmitem para muitas outras, assegurando assim sua sobrevivência. Como ocorre com as criaturas naturais, o êxito das ideias depende de **dois fatores** fundamentais. Algumas são apreciadas porque **resultam muito úteis para aqueles que as aceitam**. Trata-se geralmente de ideias relacionadas com a tecnologia e que permitem melhorar a vida das pessoas. As diferentes formas de talhar pedra, é como acender e manter o fogo, uma maneira de construir um propulsor para arremessar dardos com grande potência ou o modo de plantar e cuidar as sementes para obter colheitas são algumas destas ideias úteis. São ideias que se propagam mediante um mecanismo parecido ao da seleção naturalista darwinista, pois favorecem à sobrevivência de seus portadores. Por outro lado, **há ideias que não se selecionam por sua utilidade, mas por sua beleza**. De igual modo que elegemos alguns objetos frente a outros equivalentes, somente porque gostamos mais, as pessoas também adotam algumas ideias que lhes parecem lindas, tanto em seu significado como em sua forma. Isto é algo que todos os assessores de imagens e publicitários conhecem muito bem. É possível vender um produto, uma ideia ou um candidato, ainda que sejam os piores, simplesmente conseguindo que sejam os mais atraentes. Durante quase um século, os naturalistas se perguntarão como é possível que existam comportamentos altruístas que violam, aparentemente, o princípio de luta pela sobrevivência da teoria da evolução de Darwin. Finalmente, na segunda metade do século XX, os biólogos encontrarão a solução nos difíceis caminhos da denominada **Teoria dos Jogos**. É possível demonstrar que, em determinadas condições, **a cooperação entre indivíduos é mais rentável que a luta, ou a competição, entre eles**.

Entretanto, há uma diferença fundamental entre os mecanismos de seleção de informação genética e de os das ideias. Enquanto que os primeiros atuam exclusivamente ao nível dos organismos, selecionando aos mais aptos e aos mais atraentes, **os segundos intervêm também em nível de grupos**. Assim como há ideias que também fazem mais aptos ou más desejáveis aos indivíduos, outras determinam que **uns grupos humanos sejam mais atraentes ou mais eficazes que outros**.

Que é o que nos une de tal maneira que nos leva a ser capazes de sacrificar nossos interesses particulares pelo bem comum? O que compartilamos como pessoas, o que nos mantém unidos e permite um nível de cooperação entre nós muito superior ao de qualquer outra criatura do planeta, não es algo de carácter biológico, mas **cultural**. Não nos unem os genes, mas os ideais e os valores comuns. São esses ideais e esses valores os que nos transmitimos uns aos outros de geração em geração e os que constituem nossa fortaleza e, em ocasiões, também nossa debilidade.

Quando os humanos começaram a moldar seus ideais em um suporte físico descobriram uma potente tecnologia das comunicações com a que puderam mostrar e propagar eficazmente todo tipo de ideias. Então aconteceu algo de extraordinário: ao representá-las mediante imagens e objetos, as ideias se fizeram realidade y ao adotá-las de beleza se tornaram irresistíveis. Deste modo, a capacidade de representar o mundo mental das pessoas em imagens e objetos belos abriu a porta à formação de grupos numerosos e unidos, formados por indivíduos dispostos a sacrificar-se por ideais e valores comuns. Beleza e comunicação reunidas. Muito provavelmente, foi o uso desta nova e

revolucionária tecnologia social que cimentou expansão por todo o mundo. Freud dizia que uma forma de fazer a cultura era através das relações humanas.

O uso da força, as armas, as matanças indiscriminadas seguem vigentes, ocupações territoriais, criminosas, exércitos com armamentos indescritíveis, máquinas de danificar, publicidade mentirosa e o domínio dos meios de comunicação dedicada a enganar a opinião pública distanciando-a da realidade e criando leituras ficcionais que autorizem e justifiquem o ódio e o abuso de poder de uns poucos. Enquanto a humanidade necessita urgentemente de indicadores de referência para a paz, na contramão da vida a indústria das armas e interesse pelo dinheiro seguem matando indiscriminadamente, mudam de fronteira, de datas, porém as ações são as mesmas de sempre, em nome do direito autoproclamado, alguns se creem poder fazer de tudo. Estas atitudes intromissoras funcionam como forças que obstaculizam as culturas, moldando-as de acordo ao interesse do interventor, uma intromissão para transformar a cultura invadida para fazer-se uso dela, logo depois da invasão, pelas armas, pelo idioma, pelos costumes (roupas, alimentos) se invade cada cultura desqualificada como tal e enaltecendo a cultura do invasor. Estas modalidades funcionaram em muitos países, com poucas exceções onde a resistência da população local não aceita as nefastas invasões como ocorreu no Vietname, Camboja, Laos, Palestina e Cuba. A política alienante não conseguiu o nível de alienação desejado pelo invasor. As comunidades andinas na América do Sul são um exemplo de resistência ao modelo estado unidense de consumo, superficial e descartável. O surgimento de lideranças populares são um rechaço, -por ora o único possível- para superar esta invasão, são resistências milenares, legitimadas na ética das populações intervindas. As comunidades aprendem cada vez mais a defender-se, nossa tarefa antes de mais nada é **desconstruir** um mundo sem valores e **construir** em conjunto uma realidade que fale de construir uma consciência da humanidade.

Proponho uma reflexão sobre conceitos, modelos e produções sociais com interesses de revisar a questão do colonialismo cultural que eventualmente estejamos reproduzindo. O problema maior daqueles que trabalham com pessoas é cuidá-las em um meio que não está interessado nelas.

O que me anima é a atração que faz existir. Flutua em mim e o que vejo, esse algo que constrói o campo da ação com encantamento. A motivação que produz, que é o motor de mudança. Educar é facilitar a compreensão da realidade naquilo que está inscrito na natureza, nas festas, nos encontros das pessoas, no riso dos partos, no pranto dos velórios, na coragem de enfrentar as respostas, na serenidade de aceitar las perdas, na humildade de colher os lucros, na acolhida ao de ver aos humanos tentando juntos.

Conferência del IV Congreso Cubano de Salud Integral en la Adolescencia en 26 de octubre 2017, Cienfuegos, Republica Cubana.

NELSON RODRIGUES

O dinheiro compra até o amor verdadeiro.